

A presença de estrangeiros no contexto funerário egípcio do Reino

Novo

Moacir Elias Santos

Universidade Federal Fluminense

Resumo: Na cosmogonia egípcia os deuses foram responsáveis pela criação do mundo e dos homens, incluindo egípcios e estrangeiros, e estabeleceram a ordem personificada pela deusa Maat. Esta deveria ser mantida pelo rei, o herdeiro dos deuses, mas era constantemente ameaçada pelo caos, simbolizado por Seth e materializado pelos inimigos de outras terras. Os estrangeiros criados pelos deuses também poderiam, na visão dos egípcios, viver para sempre, caso realizassem os preparativos necessários, que incluíam o embalsamamento do corpo, a construção de uma tumba e a reunião de bens funerários. Muitos seguiram tal prática e neste artigo investigamos, por meio de fontes de diferentes naturezas, a sua presença no contexto funerário do próprio Egito e também em terras estrangeiras.

Palavras-chave: Egito Antigo; Religião Funerária; Estrangeiros.

The presence of foreigners in the Egyptian funerary context of the New Kingdom

Abstract: In the Egyptian cosmogony the gods were responsible for creating the world and men, including Egyptians and foreigners, and established the order personified by the goddess Maat. This should be kept by the king, the heir of the gods, but was constantly threatened by chaos, symbolized by Seth and materialized by the enemies from other lands. Foreigners created by the gods could also, in view of Egyptians, live forever if they fulfilled the necessary preparations, which included the embalming of the body, the construction of the tomb and the gathering of funerary goods. Many have followed this practice and in this paper we investigate, by means of sources of different nature, their presence in the funerary context of Egypt itself and also in foreign lands.

Keywords: Ancient Egypt; Funerary Religion; Foreigners.

Introdução

Os egípcios se reconheciam, ao mesmo tempo em que distinguiam os outros povos contemporâneos, a partir de elementos culturais que eram explicados pela ótica mitológica. Os mitos cosmogônicos e hinos apresentam diversas divindades como responsáveis pela criação do mundo, deles mesmos, bem como a dos outros grupos do Mediterrâneo e da África. Tais ideias tiveram a sua origem a partir da própria visão de mundo dos antigos egípcios que acreditavam que tudo o que existia fazia parte de uma grande rede, uma espécie de sistema biológico onde havia uma interação completa e que era desprovido de barreiras entre os mundos humano, divino e dos mortos.

Como regente do mundo herdado dos deuses, que incluía todo o universo, isto é, os países estrangeiros e o próprio Egito, cabia ao faraó a manutenção da ordem, conceito representado na forma da deusa Maat, cujo símbolo era uma pluma, fazendo com que esta imperasse sobre o caos, representado sob a forma de Seth – o senhor dos países estrangeiros – que também era associado ao deserto. Esta visão oficial do Estado egípcio fez com que os demais povos, quando rebelados, fossem encarados como as forças caóticas que ameaçam a ordem, algo que também poderia ser estendido aos próprios egípcios. Mas ao mesmo tempo vemos que o Estado faraônico era aberto à imigração de estrangeiros, que não só participavam da vida em sociedade, como adotavam de imediato os costumes mortuários locais.

A religião funerária egípcia tinha como principal proposta a vida eterna, que poderia ser alcançada pelas várias concepções de além-túmulo formuladas pelos sacerdotes ao longo dos séculos. Mas isto tudo dependia de uma preparação, que incluía o embalsamamento e a realização de cerimônias funerárias, que estavam acessíveis a todos que pudessem custeá-las. Assim, neste artigo buscamos investigar a presença de estrangeiros no contexto funerário do Reino Novo (c. 1550-1070 a.C.)⁸. Para tanto, nos valem de diferentes tipos de fontes, principalmente escritas, iconográficas e arqueológicas, que nos permitiram tecer algumas considerações sobre o tema tanto no próprio Egito, quando além de suas fronteiras

⁸ As datas seguem a cronologia proposta por BAINES, J. & MÁLEK, J. (1996: 36).

Uma visão de mundo própria e a criação da humanidade

Antes de tratarmos especificamente da questão funerária são necessárias algumas colocações sobre a visão de mundo dos antigos habitantes da terra do Nilo, visto que esta nos ajuda a compreender como o egípcio via o outro, o estrangeiro, ou seja numa relação de identidade e alteridade. De acordo com a teoria monista, seguindo aqui a posição das egiptólogas escandinavas Raghneil Bjenre Finnestad e Gertie Englund (ENGLUNG ed., 1989), os egípcios acreditavam que tudo o que existia em seu mundo era parte de uma mesma unidade, na qual as esferas humana, natural e divina seriam desprovidas de barreiras que as separassem cada uma das outras. Este pensamento funciona como se todo o universo estivesse interrelacionado em uma grande rede, em um todo, como em uma visão holística em que a vida interagisse, interconectando-se com todas as outras coisas do mundo. Não há diferença entre o animado e o inanimado, o material e o não material. Esta posição possibilitava, assim, o uso de rituais e da magia, já que as dimensões natural e divina do universo podiam ser interpeladas analogamente a como se fala às pessoas. A noção central deste pensamento é a vida em todos os seus aspectos (latência, manifestações, regeneração, entre outros). Isto é o que permitia, por exemplo, a continuidade da existência *post mortem*.

Tudo o que foi criado pelos deuses fazia parte de um universo ordenado, regido por um conceito de ordem/verdade/equilíbrio/medida que era personificado por meio de uma deusa, chamada Maat. Esta era filha de Ra, o deus sol, que foi o responsável pela criação do mundo e dos homens. Tal universo era constantemente ameaçado pelas forças do caos que, embora tivessem um aspecto negativo, eram a contraparte de Maat, necessárias para a existência da dualidade, tão presente no pensamento egípcio. A principal manifestação do caos era personificada em um deus, chamado Set, que era filho de Geb, a terra, e Nut, o céu. Nas palavras do Prof. Emanuel Araújo:

O traço predominante que caracteriza Set, no entanto, é o seu domínio sobre tudo o que se encontra fora do mundo organizado ou sobre aquilo que pode ser fonte de perigo, como o deserto e terras estrangeiras, os elementos incontroláveis da natureza e certos animais, o que constituía na verdade o complemento à própria existência da ordem cósmica divina (ARAÚJO, 2000: 421).

Pela sua associação com o território inóspito, ele foi denominado como o senhor dos países estrangeiros. Estes, aos olhos dos egípcios, deveriam contrastar muito quando comparados à realidade geográfica do Egito. Em seu próprio território a estreita faixa de terra cultivável era submetida às inundações periódicas do Nilo, ao contrário do que ocorria, por exemplo, na Mesopotâmia, cujas cheias do Eufrates e do Tigre eram irregulares, e na Área do Levante, onde existia a dependência da chuva para manter os cultivos. O mesmo contraste era marcado por diversos costumes, como a alimentação, o uso de diferentes tipos de vestimentas, entre outros. Mas, ao mesmo tempo que os egípcios registraram a sua criação pelos seus deuses, também incluíram os estrangeiros como parte dela, ou seja, em teoria eles também estavam submetidos a Maat.

Em um papiro hierático, conservado no Museu Britânico, temos uma antiga narrativa sobre a criação, onde a origem dos homens é explicada coletivamente sem distinção. Segundo o mito Ra, o deus sol, surgido das águas primordiais, o Nun, criou o mundo e completou-o com uma flora e fauna abundantes. Posteriormente, criou os homens e instituiu a ordem:

(...) Para criar os homens chorou, e de suas lágrimas surgiram os homens que povoaram a terra. (...)

Ra amava as nações. Quando ele apareceu pela primeira vez na Ilha das Chamas, manteve afastadas as forças da escuridão e do caos. Tornou-as obedientes, bem como à sua filha Maat, a quem deu toda a sabedoria e a ciência necessária para dirigir o mundo e governá-lo com justiça.

Durante as suas viagens diárias pelo horizonte dos vários países, ele observava continuamente Maat, para se certificar de que ela levava a cabo a sua vontade e não se desviava (ARAÚJO, 2005: 29).

No hino a Ra-Atum-Horakhty da estela de Berlim 7317, temos a mesma ideia de uma criação coletiva, da humanidade sem separação: “Salve a ti Ra, que criaste os homens, Atum-Horakhty. Deus único, que vive de Maat, que fez e criou o que existe para o gado humano saído do seu Olho! (...)” (ARAÚJO, 2005: 45).

Num outro hino a Ra-Horakhty, no papiro de Berlim 3049 há uma outra passagem que confirma a mesma ideia da criação humana: “Os deuses saíram de tua boca; os homens

do seu olho” (ARAÚJO, 2005: 47). Tal concepção está relacionada a uma similitude consonantal existente entre dois vocábulos da língua egípcia: *remetjet*, que significa “humanidade”, e *remi*, que é o verbo “chorar” (Figura 1). Consoante a opinião do Prof. Ciro Cardoso esta semelhança “para os egípcios – que acreditavam que o nome era aquilo que designava – autorizava uma aproximação ao mesmo tempo semântica e ontológica que levasse a imaginar o surgimento da humanidade por meio do pranto do demiurgo” (CARDOSO, 1999: 32).

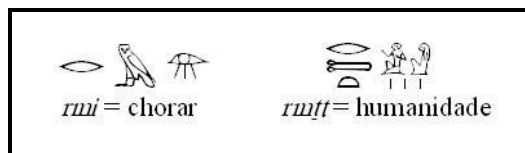


Figura 1 – os vocábulos “chorar” e “humanidade” com a sua semelhança consonantal. Referência: FAULKNER, R. O. *A concise dictionary of middle Egyptian*. Oxford: University Press, 1976, p. 149-150.

De acordo com a forma do pensamento egípcio, entretanto, existiam várias versões que poderiam ser utilizadas para a explicação de algo, assim não é de se estranhar que a criação do mundo e dos homens tenha sido também atribuída a outros deuses, além de Ra, como vemos em um hino a Ptah contido no Papiro Harris I. Temos, neste ponto, novamente, a criação dos homens em geral:

Tu és venerável, tu és antigo, Tatenen, pai dos deuses. Deus primogênito da primeira vez, modelador dos homens que fez os deuses, que inaugurou a existência como deus primordial. Que fez o Duat e faz repousar os cadáveres e aí faz circular Ra para que eles sejam revigorados. Ele faz respirar as gargantas, dá o ar a todos os narizes, faz viver todos os homens pelos seus alimentos (ARAÚJO, 2005: 31).

Mas nem sempre existiu uma generalização sobre a criação dos egípcios e estrangeiros. Peculiaridades geográficas e climáticas eram percebidas por eles, a exemplo do que encontramos no papiro de Berlim 3048, segundo as palavras de um hino ao deus Ptah:

Ele desperta em paz, ele que fundou as Duas Terras, as montanhas e os desertos, e os fez enverdecer pela água que vem do céu, em paz!

Os países diferem, de acordo com que tu criaste.

Ele fundiu os deuses, os homens e todos os animais, que criou todos os países as margens do Grande Verde⁹, no seu nome de formador do Egito!

Ele que faz sair o Nun do céu e sem cessar faz brotar a água das montanhas para fazer viver os outros *rekhit* (povos), no seu nome de autor da vida! (ARAÚJO, 2005: 33-37).

Surpreendentemente é no período de Akhenaton (c. 1353-1335 a.C.) que encontramos a mais completa descrição sobre a criação dos humanos, contida no Grande Hino ao Aton. É interessante notar que o contato dos egípcios com outros povos, embora fosse algo muito antigo – podemos recuar ao Pré-dinástico ou nos valer dos inúmeros exemplos do Terceiro Milênio a.C. – foi intensificado somente no final da XVIII Dinastia. É nesse período que encontramos tal referência, que pode ser associada diretamente ao cosmopolitismo da sociedade egípcia nesta época:

Tu criaste a terra segundo tua resolução (quando) sozinho, (assim) como os humanos, todos os animais maiores e menores, (...) as terras estrangeiras da Síria e de Kush, e a terra do Egito. Tu colocas cada homem em seu lugar (apropriado) e crias o que lhe é necessário: cada um dispõe de seu alimento e o seu tempo de vida está exatamente calculado; as (suas) línguas diferem nas palavras, a sua aparência igualmente; as cores de suas peles são diferentes, (pois) distingues os povos estrangeiros.

Tu crias a cheia do Nilo no mundo inferior: tu trazes, segundo desejas, com a finalidade de fazer viver as pessoas comuns (do Egito) (...). (Quanto a) todos os países estrangeiros distantes, tu fazes com que vivam, (pois) estabeleces uma inundação no céu (que) caia para eles, criando ondas sobre as colinas como (as) do mar para irrigar os seus campos em seu distrito. (...) A inundação celeste existe para os habitantes e os animais de todos os países estrangeiros, que caminham sobre as patas. A inundação do Nilo vem do mundo inferior para o Egito (CARDOSO, 2008: 6-7).

⁹ Trata-se do mar Mediterrâneo.

A dualidade dos estrangeiros

A ideia da diferenciação étnica – me refiro aqui principalmente à aparência física – também foi registrada pelos egípcios por meio de imagens. No *Livro dos Portões*, um dos diversos conjuntos de textos que estão relacionados à passagem do deus-sol pelo mundo do além, mais precisamente na quinta hora, temos no registro inferior a presença de quatro grupos que formam a humanidade: egípcios, asiáticos, núbios e líbios (HORNUNG, 1999: 62). Cada um deles é representado quatro vezes, com distintas feições étnicas (Figura 2). As inscrições presentes na tumba de Ramsés VI nos permitem conhecer os detalhes desta cena.

Acima dos egípcios:

O que Hórus diz para o gado de Ra que está no Mundo Inferior, no Egito, e no País Vermelho:

Vós estai felizes, gado de Ra, que fostes criados pelo Grande que está no céu. Deixai que haja alento para vossas narinas e permitai que vossas ataduras sejam removidas. Para vós estão as lágrimas do meu Olho Glorioso em vosso nome de humanidade.

Acima dos asiáticos:

Grande água. Vós fostes criados em vosso nome de Asiáticos. Sekhmet foi criada para eles, portanto é ela que protege vossos *bas*.

Acima dos núbios:

Para vós estão aqueles que eu golpeei, e eu fiquei satisfeito com a multidão que saiu de mim em vosso nome de núbios. Vós fostes criados para Hórus, pois é ele quem protege os vossos *bas*.

Acima dos líbios:

Eu procurei meu olho, assim vós surgistes em vosso nome de líbios! Sekhmet foi criada para eles, pois ela é a protetora de vossos *bas* (PIANKOFF, 1954: 169).

O que se vê neste ponto, de uma forma bastante clara, é que além dos egípcios a ideia de existência eterna também foi estendida aos estrangeiros. Todos encontram-se sob a proteção de Hórus ou de Sekhmet, segundo as inscrições presentes. Mas ao mesmo tempo em que os estrangeiros poderiam participar da existência *post mortem*, a iconografia real que os conferia esta benesse também poderia condená-los veementemente.

Associados a Seth, os asiáticos, os núbios, os líbios, entre outros, eram suscetíveis a mudanças de temperamento, tal como a instabilidade de seu meio sujeito a tempestades, portanto, se escapassem ao controle do faraó poderiam tornar-se agentes do caos. Assim, vemos constantemente na iconografia associada à realeza o faraó, como legítimo herdeiro do deus-sol, agindo conforme a sua vontade, lutando com todas as forças para preservar a ordem cósmica, massacrando os inimigos do Egito que ameaçam Maat. A cena mais representativa, comum na iconografia real desde a primeira dinastia, é a do rei em pé, segurando os inimigos pelos cabelos e pronto a desferir-lhes um golpe com uma maça de guerra. No caso dos templos tal representação tinha uma função apotropaica, pois protegeria o interior do recinto sagrado.

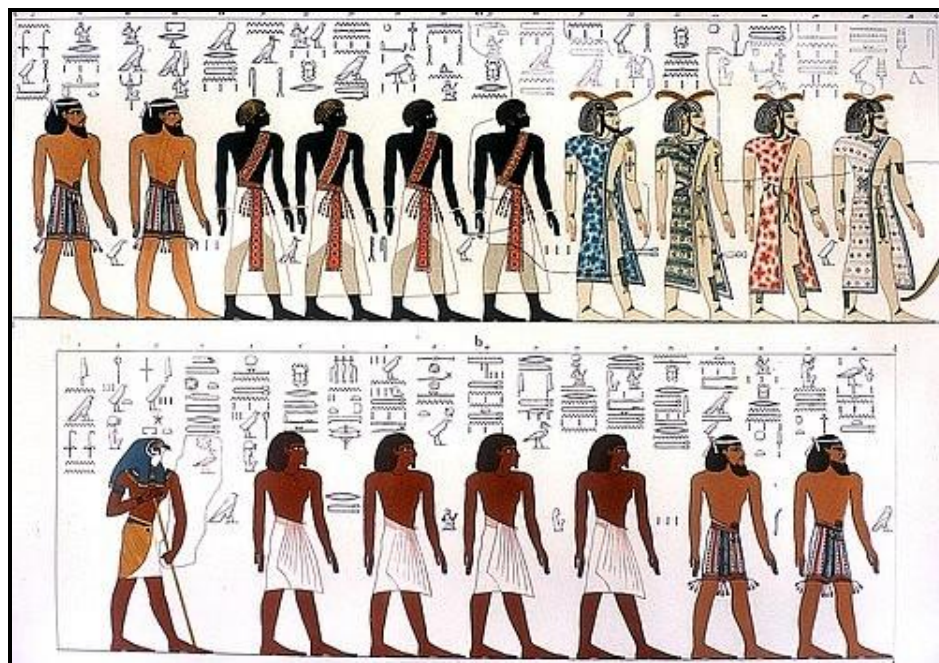
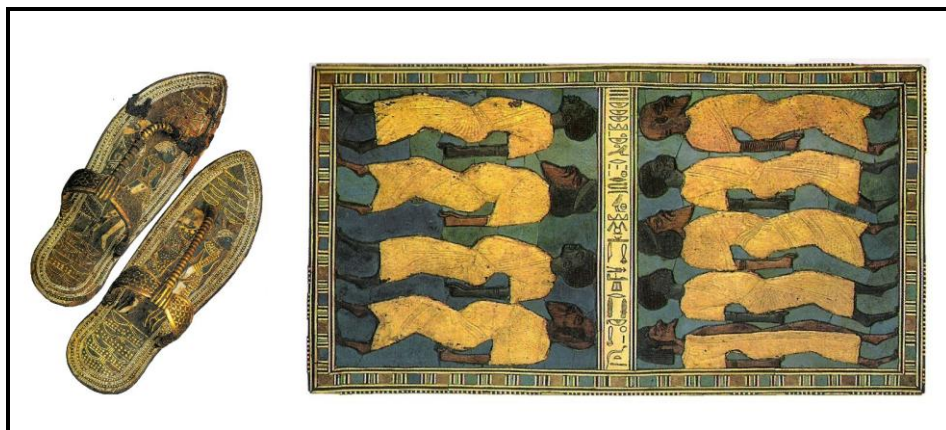


Figura 2 – Os quatro grupos que formam a humanidade conforme a representação na tumba de Séty I (KV17). A cena inferior é a continuação da que está na parte superior, da direita para a esquerda estão os líbios, os núbios, os asiáticos e os egípcios, seguidos pelo deus Hórus. Referência: <http://www.thebanmappingproject.com/database/image.asp?ID=16608>. Acesso em 20 de julho de 2010.

Já em outras imagens os inimigos são pisoteados e, no caso de duas interessantes representações provenientes da tumba de Tutankhamon, o faraó deixava, literalmente, os estrangeiros sob seus pés (Figuras 3 e 4). A primeira é oriunda de um par de sandálias confeccionado em madeira, couro e folheado com ouro, que exhibe quatro prisioneiros estrangeiros, dois (um núbio e um asiático) em cada pé, que se encontram imobilizados. A cena é completada pela temática dos nove arcos (mas neste caso há somente oito), que representam todos os inimigos do Egito. Estes também aparecem na segunda representação que se encontra em um escabelo. Na superfície do objeto, que certamente deve ter servido de apoio para os pés de Tutankhamon, temos as figura de nove prisioneiros estrangeiros com traços étnicos distintos, sendo cinco no lado direito e quatro no esquerdo. Quatro deles possuem feições núbias e os demais são de origem asiática e líbia. As vestimentas apresentam diferenças, oito são longas e ocultam o corpo, mas a nona possui uma forma distinta: a de uma capa que deixa o corpo parcialmente visível. Os braços de todas as figuras encontram-se às costas, imobilizados por meio de cordas. Tal representação está associada ao controle das terras estrangeiras e, conseqüentemente, à perpetuação da ordem. Entre os dois grupos há uma coluna com a seguinte inscrição que confirma o domínio do rei: “Todas as terras e todos os países montanhosos, e os grandes de Retjenu (Síria) estão juntos como se fossem um sob teus pés, como Ra por toda eternidade” (JAMES, 2000: 294).



Figuras 3 e 4 – À esquerda, par de sandálias com a representação de um asiático e de um núbio entre oito arcos. À direita, escabelo de madeira decorado com a figura de quatro núbios, cinco asiáticos e líbios. Em ambos os casos o rei estaria, literalmente, pisando sobre seus inimigos. Referência: JAMES, T. G. H. *Tutankhamon*. Paris: Éditions Gründ, 2000, p. 195 e 294.

Esta ideia de controle não estava somente visível nos pequenos artefatos, mas também em construções reais espalhadas pelo Egito, a exemplo do palácio anexo ao templo de Medinet Habu, erigido por Ramsés III, cujos fragmentos da decoração encontram-se espalhados por inúmeros museus. Na parte superior de um portal o faraó, sob a forma de uma esfinge, pisa nos inimigos enquanto é protegido pela deusa Maat alada. Em um quadro localizado em uma parte inferior encontramos uma cena similar, contudo, sem a presença da deusa. Um friso situado abaixo desta cena nos mostra pássaros-*rekhyt* (*Vanellus vanellus*), que simbolizam o povo do Egito, munidos de braços humanos com mãos em postura de adoração, pousados sobre o sinal hieroglífico do cesto, que significa a palavra “toda”. Tal conjunto pode ser lido como uma inscrição hieroglífica: “todo o povo do Egito adora”. O objeto da adoração era justamente o rei, sob a forma de uma esfinge, que protegia o país e garantia a ordem cósmica. Na parte mais baixa da porta, quatro inimigos foram representados imobilizados mostrando o controle do caos. Até este ponto sabemos que os estrangeiros que se revoltavam eram agentes setianos, mas isto também se aplicava aos próprios egípcios. Independente de serem estrangeiros ou não, o problema centrava-se na questão da ordem e agir conforme as regras pré-estabelecidas seguindo o princípio de Maat.

Os estrangeiros no contexto funerário egípcio

O estabelecimento de estrangeiros no território egípcio é algo reconhecido por meio de fontes de diversas naturezas. Naquelas pertencentes ao Reino Médio, por exemplo, encontramos profissionais atuando em suas atividades e mesmo, no caso de mercadores, fundando assentamentos no Delta oriental. A razão desta imigração estava relacionada a questões econômicas, da busca por um trabalho ao recolhimento do lucro oriundo do comércio externo (WARD, 1994: 61). Durante o Reino Novo houve um aumento significativo da presença de estrangeiros, em parte, devido ao domínio egípcio tanto no sul, na região da Núbia, quanto no oeste, na área do Levante. Uma parte destes estrangeiros foram levados para o Egito como cativos, tal como ocorreu com os prisioneiros de guerra, mas uma outra parcela mais numerosa deve ter aproveitado a estabilidade política e o fato de não ter vínculos profundos com as suas localidades de origem, para se estabelecer em um novo local no vale do Nilo. Muitos imigrantes possuíam atividades específicas e necessárias, assim, a busca por um trabalho não teria sido difícil para eles. Ao longo da XVIII Dinastia encontramos indivíduos de origem estrangeira exercendo as mais diversas

funções, algumas das quais de grande prestígio, inclusive, próximo a corte.

Os estrangeiros estabelecidos no Egito, bem como os seus descendentes, independentemente de a sua posição social, uma vez que se integraram à sociedade acabaram por adotar o modo de vida egípcio, incluindo aqui o compartilhamento das ideias religiosas, notadamente aquelas sobre a vida *post mortem*. A religião funerária propunha que em vida os indivíduos eram compostos por uma pluralidade, isto é, eram dotados de um corpo físico (*djet*), um princípio do sustento (*ka*), uma personalidade ou princípio do movimento (*ba*), um nome (*ren*), um coração (*ib*) e uma sombra (*shuyt*), e que isto não valia apenas para os próprios egípcios, mas para todos os seres humanos (Figura 5).

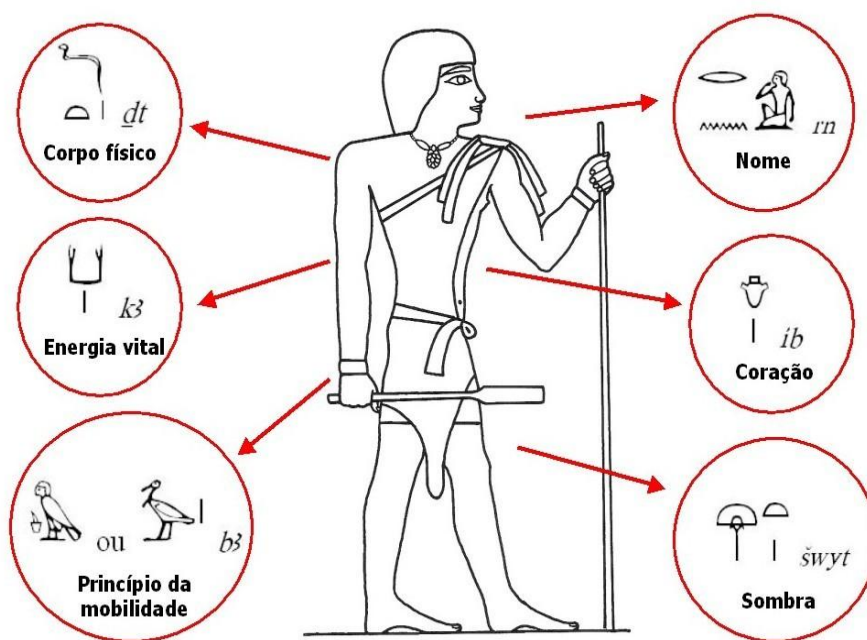


Figura 5 – A pluralidade do indivíduo com a indicação de cada uma das partes que o compunham. Referência: montagem do autor sobre um desenho de linha de autoria de Ann Fowler publicado na obra de ROBINS, G. *Proportion and style in ancient Egyptian art*. Austin: University of Texas Press, 1994, p. 14.

Para se obter a imortalidade por meio das diversas concepções vigentes que se adaptaram ou se fundiram, respectivamente a sobrevivência na própria tumba, a participação no ciclo solar e a vida nos Campos dos Juncos ou nos Campos das Oferendas do deus Osíris, era necessária a conservação do corpo. Esta era assegurada por meio do processo de embalsamamento, visto que o corpo funcionava como suporte para que todas

as demais partes, separadas por ocasião da morte, pudessem ser reunidas novamente. Para tanto, no dia da inumação da múmia na tumba, os egípcios levavam a cabo o ritual de *Abertura da Boca e dos Olhos* e, assim, possibilitavam o surgimento do *Akh*, o morto transfigurado ou redivivo, que viveria por toda a eternidade.

Os exemplos que mostram a adoção de práticas funerárias por estrangeiros e seus descendentes no Egito provém tanto de tumbas que foram encontradas intactas ou parcialmente conservadas, bem como de artefatos desprovidos de um contexto arqueológico. Determinadas inscrições e cenas que analisamos também contribuem para o entendimento de como os egípcios estenderam suas ideias, para além do próprio Egito. No que se refere as tumbas encontradas parcialmente conservadas há dois casos notáveis, visto que estão associados à inumação de membros próximos à realeza durante a XVIII Dinastia. Ambos são provenientes da necrópole real tebana, embora não tenham sido registrados em detalhe.

A primeira descoberta ocorreu no verão de 1916, quando homens da vila de Qurna, situada na margem oeste de Luxor, localizaram a entrada de uma tumba que estava escondida em um paredão rochoso no chamado Gabbanat el-Qurud¹⁰. Infelizmente o sepulcro foi saqueado, visto que não se tratava de uma descoberta que teve uma participação oficial das autoridades do Serviço de Antiguidades. Posteriormente, o conteúdo restante acabou sendo dispersado para ser novamente reunido e adquirido, ao longo do século XX, pelo Museu Metropolitano de Arte de Nova Iorque. A tumba em questão pertencia a três mulheres da corte do faraó Tothmés III (c. 1479-1425 a.C.) chamadas: Manuwai, Manhata e Maruta. A origem destes nomes é semita, mas não foram encontrados dados que as liguem a uma casa real estrangeira, portanto, neste sentido, denomina-las como “princesas” não seria adequado. Todas tinham o mesmo título egípcio *Hemet Nesut*, ou “esposa real”.

Teriam sido mulheres que foram enviadas ao Egito para se casar com o rei sob a forma de um contrato diplomático? Exemplos posteriores são encontrados, com nos casos de Mitanni e dos Hititas. Ou seriam elas uma espécie de tributo dos reis vassalos, como mostram as Cartas de Amarna? Uma terceira hipótese propõe que as mulheres eram de alta posição social, mas que teriam sido trazidas para o Egito pelo próprio faraó, visto as

¹⁰ Significa “Cemitério dos Macacos” e está situado uma região ao sul do Vale dos Reis.

inúmeras campanhas por ele efetuadas na área do Levante. Seja qual for a resposta é certo que elas foram inumadas seguindo todo o ritual funerário egípcio. Na época da descoberta da tumba os *“ataúdes ainda eram reconhecíveis, dispostos lado a lado com as cabeças voltadas para a parede sul mas estavam totalmente destruídos pela umidade”* (Winlock *apud* LILYQUIST, 2003: 33). Outros artefatos comprovam um elaborado ritual de embalsamamento dos corpos, incluindo a extração das vísceras, que foram depositadas em vasos canópicos (Figura 6), e a colocação de dedeiras, de sandálias, de amuletos, como o escaravelho do coração, além de jóias de uso funerário, todas produzidas com ouro. Outros bens de uso ritual e também cotidiano foram igualmente encontrados e, mesmo incompletos em certos casos, revelam que as peças que formavam o enxoval funerário se repetem, mostrando que as três esposas reais foram preparadas para a vida eterna de forma semelhante.



Figura 6 – Três diferentes vasos que formavam os conjuntos canópicos das três esposas estrangeiras do faraó Tothmés III. Da esquerda para a direita: Manhata, Manuwai e Maruta. Referência: LILYQUIST, C. *The tomb of three foreign wives of Tutmosis III*. New York: The Metropolitan Museum of Art, 2003, p. 334.

O segundo achado relacionado a um estrangeiro, ou com ascendência estrangeira, ocorreu em 1899, logo após as descobertas das tumbas de Tothmés III (KV 34) e de Amenhotep II (KV 35), feitas pelo arqueólogo francês Victor Loret (FORBES, 1998: 89). Trata-se da tumba de Maiherpri (KV 36), cujo nome significa “leão do campo de batalha”, um homem jovem cujos traços étnicos são claramente da região da Núbia, que foi inumado

na principal necrópole egípcia: o Vale dos Reis. Os títulos de Maiherpri encontrados nos artefatos pouco informam sobre a sua identidade. O primeiro, “Criança da Creche”, sugere que ele foi criado próximo à corte. Se sua origem núbia estiver correta, talvez tenha sido filho de dignitários do sul que foi criado à moda egípcia, tal como ocorria no Reino Novo. Outro título, o de “Portador do Abanador Real”, informa sua proximidade com o rei, já que em ocasiões públicas servia de braço direito do monarca. Mais tarde, tal título foi utilizado pelos vice-reis na Núbia. No seu exemplar do *Livro dos Mortos* é informado: “o seguidor real dos passos (do rei) em todas as terras meridionais e setentrionais estrangeiras” (FORBES, 1998: 104-105). Pelos dados disponíveis ele teria vivido possivelmente entre os reinados de Tothmés IV e Amenhotep III. Sua proximidade com um destes governantes certamente foi a razão para a sua inumação na principal necrópole egípcia – uma honraria destinada a poucos.

Por circunstâncias não esclarecidas o registro dos bens da tumba, formada por um poço e uma câmara funerária, não foi levado a cabo pelo descobridor. Contudo, um botânico e explorador alemão, chamado Georg Schweinfurth, que visitou o local quando os artefatos ainda se encontravam *in situ*, efetuou uma breve descrição do conteúdo que serviu para duas publicações (FORBES, 1998: 93-94). Por meio destas foi possível recompor o contexto dos artefatos. O ataúde retangular contendo outros dois ataúdes antropóides e a múmia, cujo rosto estava coberto por uma máscara, estava no canto nordeste da câmara. Um objeto mágico (cama de Osíris) estava disposto ao longo da parede nordeste, ao lado do ataúde retangular. Na área sudeste, próximo a entrada, estava uma caixa contendo os vasos canópicos. A parte central da câmara era ocupada por um outro ataúde, inacabado, que continha o exemplar do *Livro dos Mortos* de Maiherpri. Os demais artefatos (ânforas, vasos de armazenamento e oferendas diversas) foram deixados desde o canto norte até a parede noroeste. Na parte sudoeste foram encontradas partes do equipamento de arco e flecha. Todos os artefatos são típicos de enterramentos reais da segunda metade da XVIII Dinastia e a julgar pela excelente confecção, podemos afirmar que eles foram elaborados por artesãos que serviam à corte.

Figura 7 – A face da múmia de Maiherpri, com traços que revelam sua origem Núbia. Os cabelos foram raspados e substituídos por uma peruca. Referência: FORBES, D. C. *Tombs. Treasures. Mummies: Seven great discoveries of Egyptian Archaeology*. Sebastopol & Santa Fe: KMT Communications, Inc., 1998, p. 111.



Os ataúdes antropóides, com fundo preto, e a máscara são claramente idealizados, visto que as feições não representam o morto. Mas ao observarmos o papiro, que foi encomendado pelo proprietário ainda em vida, com os encantamentos do *Livro dos Mortos* temos, certamente, uma representação de Maiherpri próxima da realidade. Ele é mostrado com traços étnicos típicos da região sul do Egito, ou seja, era

de origem núbia, embora estivesse vestido como um egípcio. Com a análise da múmia efetuada em 22 de março de 1901, por George Daresy, verifica-se que Maiherpri foi submetido a um processo de mumificação semelhante ao que era destinado a realeza, e que havia diversos artefatos associados ao corpo, tais como braceletes, um colar, um escaravelho, uma placa que recobria a incisão do abdome, além de contas e sementes de cevada. O estudo também confirmou a origem núbia, por meio de seus traços faciais (Figura 7), sua estatura dentro do padrão (1,64 m de altura), e a provável idade da morte, ocorrida por volta dos 20 anos (Daresy *apud* FORBES, 1998: 110). Há poucos meses a múmia foi submetida a uma tomografia axial computadorizada, contudo os dados ainda não foram publicados. Este estudo, certamente, trará maiores informações sobre Maiherpri no futuro próximo.

Poderíamos prosseguir afirmando, por meio dos exemplos citados, que tais práticas funerárias foram seguidas por se tratarem de casos ligados à elite, contudo, na vila de Deir el-Medina e por meio de alguns artefatos isolados, isto é, sem um contexto arqueológico devidamente registrado, temos também diversos casos relacionados a indivíduos que pertenciam a outras camadas sociais. Na vila de Deir el-Medina, dos inúmeros enterramentos descobertos intactos pelo arqueólogo francês Bernard Bruyère na

Necrópole Oriental, pertencentes a XVIII dinastia, dois são de mulheres que foram inumadas seguindo os rituais egípcios. Em ambos os casos os nomes remetem a uma possível origem estrangeira. Na tumba DM1379, que continha um ataúde retangular de um homem e o ataúde antropóide de uma mulher, entre os inúmeros itens que compunham o enxoval funerário do casal estava uma elegante estatueta feminina em sua naos de madeira (Figura 8). Todas as características da peça são egípcias, pois foi retratada em pé, com o braço esquerdo dobrado enquanto o direito estende-se ao longo do corpo. Ela porta uma peruca tripartite, usa um vestido longo e justo além de pulseiras. Contudo, na base estava pintada uma inscrição que permitiu identificá-la “Ibentina”, cuja sua origem seria semítica (BRUYÈRE, 1937: 44).

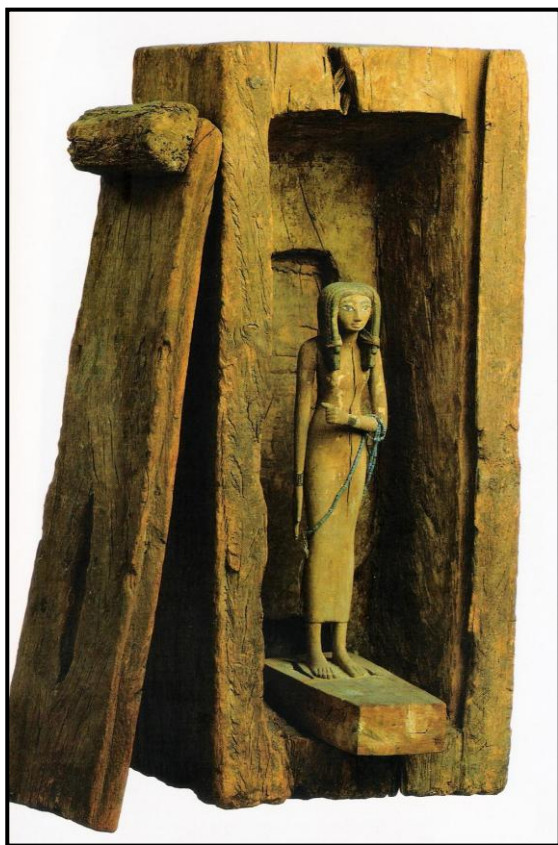


Figura 8 – A estatueta de Ibentina em sua naos de madeira de sicômoro. Referência: PIRELLI, R, “Estatueta de Ibentina”. In: TIRADRITTI, F. (Ed.). *Tesouros do Egito do Museu Egípcio do Cairo*. São Paulo: Manole, 1998, p. 174.

Já na tumba DM1382, que continha três ataúdes retangulares de madeira, dois pertencentes a mulheres e o terceiro a um homem, além de diversos bens que compunham o enxoval funerário, havia uma outra inscrição com possível origem estrangeira. Esta estava em uma das faixas amarelas sobre a tampa do ataúde branco pertencente a uma das mulheres, chamada “Nubiyiti”. O nome na opinião de Bruyère tinha origem Núbia

(BRUYÈRE, 1937: 187). Com relação as múmias a descrição de Bruyère não fornece maiores detalhes que pudessem esclarecer sua aparência. Em outra descoberta, relacionada à tumba DM339, datada da época Raméssida, Bruyère baseou-se na aparência da múmia para indicar uma possível origem estrangeira. Em uma câmara funerária foram encontrados entre “restos humanos, uma cabeça de uma mulher com zigomáticos salientes, que ainda mantinha nas cavidades orbitárias os olhos confeccionados com obsidiana e marfim” (BRUYÈRE, 1926: 54). Os dados comprovariam uma origem Síria, tal como seu nome Takharu, que significa literalmente “a síria”.

Quanto aos artefatos isolados que apresentam dados sobre estrangeiros, notadamente iconográficos, com graus diferenciados de apropriação dos costumes egípcios temos dois exemplos distintos. No primeiro, a cadeira do escriba Renseneb, pertencente ao acervo do Museu Metropolitano de Arte de Nova Iorque, mostra um homem sentado em uma cadeira cheirando uma flor de lótus – símbolo do renascimento – perante um estandarte com o símbolo do *ka*. Seu perfil é núbio, assim como a peruca que ele usa, mas o saiote longo e o colar ao redor do pescoço são egípcios.

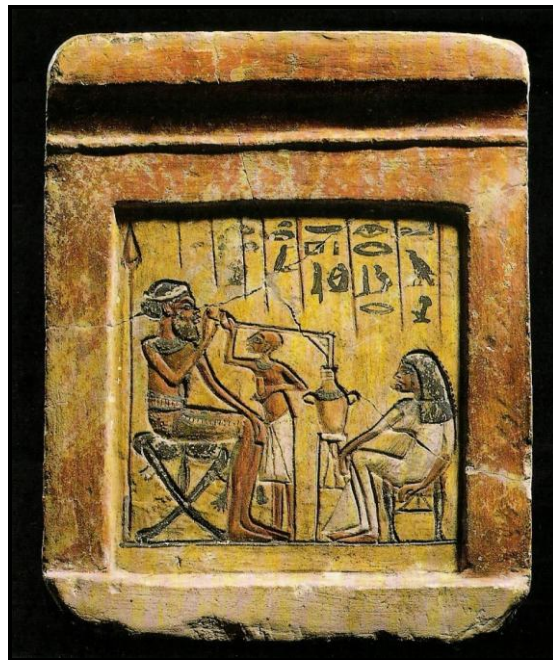


Figura 9 – Estela funerária de um soldado com sua esposa. Referência: FREED, R. E., MARKOWITZ, Y. J. e D’AURIA, S. H. (ed.) *Pharaohs of the Sun*. Akhenaten, Nefertiti, Tutankhamen. Boston : Museum of Fine Arts/ Bulfinch Press, 1999, p. 239.

Já a este estela originária de Amarna, atualmente na coleção egípcia de Berlim, apresenta a imagem de um soldado chamado Terur, de provavelmente origem cananita, acompanhado por sua esposa e por seu criado que lhe serve cerveja por meio de um canudo. A presença da barba e das roupas revelam sua origem étnica enquanto que a mulher, embora tivesse sido mostrada como uma egípcia, também possuía um nome estrangeiro (Figura 9). Em meio as mudanças provocadas na religião funerária por Akhenaton, este monumento expressa o desejo de seu proprietário de garantir a continuidade da vida por meio de sua própria representação, bem como estendê-la aqueles que estavam mais próximos a ele.

A diferença na iconografia destes dois artefatos pode ser explicada pelo tempo de permanência no Egito. Enquanto o escriba Renseneb é mostrado com traços étnicos núbios, seu nome, suas vestes e os objetos que o cercam são todos egípcios. Ele talvez fosse descendente de núbios que se estabeleceram há algumas gerações, uma vez que seu cargo e a própria cadeira revelam sua posição proeminente. Já a estela de Terur o apresenta completamente diferente de Renseneb, uma vez que além de seus traços étnicos, suas vestes são distintas das dos egípcios que o acompanham – sua mulher e seu servidor. Ele talvez tenha sido um recruta recém estabelecido no Egito.

As ideias sobre a vida no além não ficaram restritas ao território egípcio. Vemos, por meio da narrativa conhecida como “O Relatório de Unamon” ou “As tribulações de Un-Amon”, que o próprio protagonista, que se encontrava numa missão destinada a compra de madeira para a barca do deus Amon-Ra, tinha uma clara idéia de que era possível aos estrangeiros partilhar das crenças egípcias mesmo que distantes do contexto nilótico. Em meio a uma discussão com o príncipe de Búblis ele afirma:

(Assim fazendo), não poderás regozijar-te e possuir uma estela [feita] por ti mesmo e nela dizeres: ‘Amon-Ra, rei dos deuses, enviou-me (a estátua de) Amon-do-Caminho (como seu enviado, v.p.s, e Un-Amon (como) seu enviado humano em busca da madeira para a grande e augusta barca de Amon-Ra, rei dos deuses. Eu a cortei, eu a carreguei, forneci meus navios e minhas tripulações, e fiz com que chegasse ao Egito para pedir a Amon mais cinquenta anos de vida além do concedido a mim pelo destino’ Que assim possa ser, e se algum dia vier do Egito um enviado que conheça a escrita e leia teu nome na

estela, receberás uma libação (de água) no Ocidente como os deuses que lá estão (ARAÚJO, 2000: 132).

Conforme o fragmento do texto, se o príncipe fenício registrasse a sua contribuição na construção da barca em uma estela funerária e se, posteriormente, algum egípcio fizesse uma leitura do texto presente na mesma ele receberia uma oferenda na forma de libação. É interessante destacar que o sacerdote indica claramente o destino futuro do príncipe no Ocidente, isto é, no mundo dos mortos entre os deuses.

Considerações Finais

Os mitos egípcios antigos, relacionados a cosmogonia, nos informam que na criação do universo os deuses foram responsáveis não só pela criação do povo egípcio mas também pela dos estrangeiros. Com o estabelecimento da ideia de Maat, a qual todos estariam subordinados, estrangeiros rebeldes eram associados ao caos – símbolo de Seth – portanto deveriam ser reprimidos pelo rei, que era o grande responsável pela manutenção da ordem/medida/equilíbrio do universo. Mas ao mesmo tempo que tais estrangeiros eram um símbolo da desordem, a mesma iconografia real conferia-lhes a vida eterna. Ao viverem entre os egípcios, fossem estrangeiros recém chegados ou descendentes devidamente estabelecidos, homens e mulheres de diferentes origens adoraram os costumes da religião funerária egípcia. Temos, entretanto, que salientar que embora tal adoção fosse algo comum, características específicas ligadas a etnia de origem não eram suprimidos em sua totalidade e deixaram dados que, uma vez reconhecidos, permite-nos conhecer um pouco da presença destes indivíduos no contexto funerário.

No caso das esposas estrangeiras de Tothmés III a principal identificação de sua etnicidade ocorreu devido aos nomes. Estes também serviram para revelar a presença de estrangeiras entre os enterramentos localizados por Bruyère na necrópole leste de Deir el-Medina, cujas inscrições hieroglíficas sugerem nomes de origem Núbia e Síria. Neste último caso, contudo, se a descrição do escavador estiver correta, também teríamos uma confirmação pelas feições das múmias. O mesmo se aplica a Maiherpri, cujos traços de seu rosto mumificado são claramente núbios. Neste ponto, a iconografia também auxilia para a confirmação da origem do jovem, visto que no seu exemplar do *Livro dos Mortos*, embora ele porte trajes egípcios, ele é igualmente mostrado com feições núbias. A representação de Renseneb no espaldar de sua cadeira, embora seja um artefato isolado, também revela um

homem de ascendência Núbia que, tal como Maiherpri, possuía um nome claramente egípcio e que se fez representar como egípcio. Já a iconografia da estela amarniana aponta para uma direção contrária, ela apresenta claramente um estrangeiro identificado tanto pelo nome quanto pela aparência de seus traços e vestes.

Por fim, embora não tenhamos muitos dados a respeito, verifica-se por meio do texto de Un-Amon que a ideia de vida eterna longe do Egito, também seria viável visto a possibilidade da construção de uma estela funerária que manteria, talvez, uma representação imagética e uma inscrição com uma narrativa contendo seus feitos que pudessem ser lidos muito tempo depois. Algo que seria suficiente para os estrangeiros, como no caso do príncipe de Búblis, que desconhecia completamente as ideias sobre a religião funerária dos egípcios e, desta forma, o sentido de tal monumento.

Referências Bibliográficas

ARAÚJO, Emanuel (2000). *Escrito para a eternidade: a literatura no Egito faraônico*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.

BAINES, John. & MÁLEK, Jaromir (1996). *O mundo egípcio: deuses, templos e faraós*. Vol. 1. Madri: Ediciones del Prado.

BRUYÈRE, Bernard (1926). Rapport sur les fouilles de Deir el-Médineh (1924-1925). In: IFAO, *Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1924-1925*. Troisième Partie. Le Caire: Imprimerie del'Institut Français d'Archéologie Orientale.

BRUYÈRE, Bernard (1937). Rapport sur les Fuilles de Deir el Médineh (1934-1935). In: IFAO, *Fouilles de L'Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire Année 1934-1935*. Deuxième Partie. FIFAO 15. Le Caire: Imprimerie de l'Intitut Français d'Archéologie Orientale.

CARDOSO, Ciro Flamarion (1999). *Deuses, múmias e ziggurats*. Porto Alegre: Editora da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

ENGLUND, Gertie (1989) (ed.). *The religion of the ancient Egyptians: Cognitive structures and popular expression*. Uppsala: Acta Universitatis Upsaliensis.

FREED, Rita. E., MARKOWITZ, Yvonne. J. e D'AURIA, Sue. H. (1999) (ed.). *Pharaohs of the Sun: Akhenaten, Nefertiti, Tutankhamen*. Boston: Museum of Fine Arts/ Bulfinch Press.

FORBES, Dennis C. (1998). *Tombs. Treasures. Mummies: Seven great discoveries of Egyptian Archaeology*. Sebastopol & Santa Fe: KMT Communications, Inc.

HORNUNG, Erik (1997). *The ancient Egyptian books of the afterlife*. Ithaca and London: Cornell University Press.

JAMES, Thomas Garnet Henry (2000). *Toutankhamon*. Paris: Éditions Gründ.

LILYQUIST, Christine (2003). *The tomb of three foreign wives of Tutmosis III*. New York: The Metropolitan Museum of Art.

PIANKOFF, Alexandre (1954). *The tomb of Ramesses VI*. Vol. 1. New York: Phantoon Books.

PIRELLI, Rosanna (1998). Estatueta de Ibentina. In F. Tiradritti (ed.). *Tesouros do Egito do Museu Egípcio do Cairo*. São Paulo: Manole.

ROBINS, Gay (1994). *Proportion and style in ancient Egyptian art*. Austin: University of Texas Press.

WARD, William A. (1994). Foreigners living in the village. In *Pharaoh's Workers: The villagers of Deir el Medina*. Ithaca and London: Cornell University Press.